

Inivicta *Cine*

ANO X

N.º 173



MARIE GLORY

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c.



INVICTA-CINE

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACTOR PRINCIPAL:
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 173
PORTO
11 DE JUNHO
1932

REDACTORES:
LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO
NOVA-YORK: ARTUR COELHO
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG
COLABORADOR ARTÍSTICO:
FERNANDO LACERDA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OLYMPIA

apresenta na próxima segunda-feira ANNY ONDRA
no seu primeiro filme falado e cantado em francês

Anny na Alta Roda

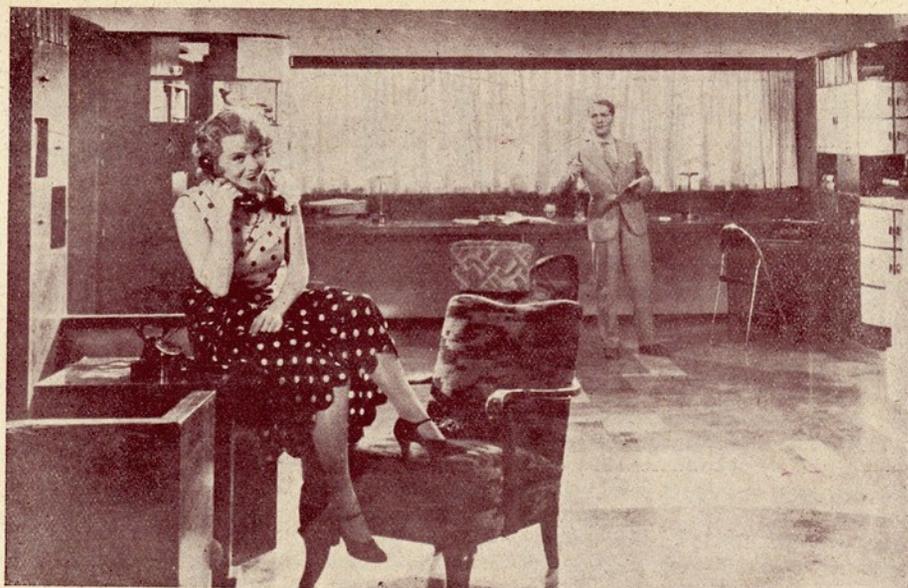
com IVAN PETROVITCH e música de Strauss

e na quinta-feira, 16, LILIAN HARVEY e HENRY
GARAT, na cine-opereta da UFA

Dois Corações a Compasso

Programas da Agência Cinematográfica Castelo Lopes, Limitada

Uma cêna do engraçadíssimo fonofilme «A Culpa é do Bibi» que na próxima semana se estreia no Aguia d'Ouro, com Marie Glory, René Lefèvre e Florelle.



A relatividade do cinema de Eisenstein

Há cousa de uns dois anos, liamos casualmente um jornal da tarde, quando nele se nos deparou a notícia de que Sérgio Eisenstein, de passagem para Hollywood, ia fazer uma conferência no auditorium da Columbia University sôbre o palpitante assunto: Cinema como Arte.

Convidamos Monteiro Lobato, que ao tempo ainda cá estava, e fômos ouvir o mais característico director do cinema de tôdas as Rússias.

O moço cinematografista foi-nos apresentado por um professor da Colúmbia, que lhe fez a merecida apologia, deixando-o depois ao desempenho do seu papel.

Eisenstein, que é louro, de rosto cheio, olhar sincero, e no todo muito simpático, falou em correcto inglês durante uns três quartos de hora, sôbre a sua compreensão da arte do cinema, que êle com bastante acêrto coloca acima das ambições mercantilísimas do «box-office»; o realizador de *A Linha Geral*, filme que foi uma consagração da máquina moderna na agricultura colectivista dos Soviets, exalçou o valor dos símbolos ciñematográficos, por êle inteligentemente usados, frizando ainda que os seus actores são homens e mulheres tomados à turba, sem nenhuma experiência do «ofício», e cuja única função é *viver* no filme tal como na vida comum, cabendo a êle, Eisenstein, concatenar as suas atitudes e tipos de modo que, na totalidade, formam uma obra cinematograficamente artística.

Para exemplificar o que dizia, fez Eisenstein passar pela tela do auditorium trechos dos seus filmes de multidão, em que, com efeito, se moviam tipos do mais característico «sabor» russo: barbas e grenhas hirsutas, bocas desdentadas, olhares crispantes de revolução, num total visceralmente anti-fotogénico, para não dizermos desagradável.

Entretanto, como amostra de novidade cinematográfica, os filmes de Eisenstein marcavam, e ainda marcam, uma visível «departure» das normas estabelecidas pelo cinema-indústria, como o compreende e pratica o norte-americano.

Mas essa novidade, digámo-lo de comêço, é muito relativa.

Eisenstein botou-se para Hollywood, a fim de filmar a famosa obra de Theodore Dreiser — *An American Tragedy*. Meses depois noticiavam os jornais que êle rescindiria o seu contrato com a Paramount e voltava para Paris, sem nada fazer. Ainda que as

gazetas nada mais adiantassem sôbre o caso, parece que o motivo dessa rescisão firmára-se no facto de os personagens de Dreiser, como bons americanos, fazerem uso das Gilettes... Na ausência das barbas russas não quis o nosso director arriscar a sua fama.

Eisenstein foi à França, renovou o seu passaporte, e voltou à América, desembarcando em terras mexicanas.

Nove meses foram para êle consumidos na gravação de um grande filme étnico-cultural, que se intitula *Que Viva Mejiço!*

Passando agora por Nova York, de volta para a Rússia, declarou Eisenstein em duas entrevistas publicadas pela imprensa: «País grandioso, o México: Ali é que está a coluna mestra da América! Tradição, paisagens, «back-ground» humano, tipos completos para um filme como o que fiz. Em oito rolos de celuloide enfeixei quatro mil anos da evolução daquele povo».

E não duvidamos que, como repositório de pesquisas etnográficas, seja o filme de Eisenstein um monumento de coisas novas e surpreendentes. Aguardamos a sua apresentação em Nova York, para dêle tratarmos minuciosamente.

Falando ao grande semanário *Variety*, disse Eisenstein numa crítica cerrada à mentalidade de Hollywood: «Não tenho que dizer dos americanos, principalmente daqueles não ligados ao negócio de filmes. Trataram-me muito bem. Em Hollywood, porém, vi-me cercado por um halo de tal pavor, que a mim mesmo começava a meter medo. Todos, no estúdio, me olhavam com marcada suspeita, temerosos de que eu lhes pregasse uma surpresa. Mas êsse terror dos americanos do filme não se ligava à minha procedência russa nem ao bolchevismo do meu credo político: tinham medo de que eu fizesse um filme fora dos moldes de Hollywood, criando algo de novo — porque Hollywood tem horror à novidade. Pobres magnatas! Esquecem-se de que são os arrancos de louco (mad gestures, como disse êle) que fazem o progresso nas artes. E o cinema, antes de ser um negócio, é uma arte!»

Continuando com a palavra, afirmou Eisenstein que hoje em dia a única esperança do cinematografo repousa sôbre o filme russo...

(Conclue na última página)

FITAS FALADAS

Há uma semana, se tanto, encontrei à porta do Chantecler, onde é frequentador assíduo, um meu amigo que, como eu, quando as notas não abundam, se faz filósofo, e só vai aos *cinemas do piólho* — como lhe chamam os ardinias.

É um amigo fixe, arranjado no meio cinéfilo, e que foi meu companheiro nos tempos em que eu calculava as ruas dos bairros excêntricos à procura de ambiente para localizar a acção dos argumentos cinematográficos que eu andava escrevendo. Acontecia sempre que os ambientes não me satisfaziam para os filmes 100% nocionalistas que eu idealizava, e acabava finalmente por escrever argumentos cómicos inspirados nas correrias, pancadarias e disparates dos filmes de então. São uns argumentos que, só pelo trabalho que me deram, eu os guardo muito bem guardadinhos para nos meus minutos de insónia ainda me poder rir das estúpidas coisas a que o cinema nos obriga, quando ainda não o conhecemos bem.

É clarividente que (curioso: acabo de escrever uma palavra que me fez lembrar mais uns metros de filme das minhas aventuras de cinéfilo. Havia, naquele tempo, num quarto andar da avenida Almirante Reis, uma rapariga — a Clara vidente — como lhe chamava a malta, por ser parecida com a Clara Bow e exercer a rendosa profissão de vidente, que me prometeu, a trôco de vinte «palhaços», um lugar nos estúdios da «Invicta-Filme». Claro está, esmifrei logo os vinte escudos, e até hoje não recebi nenhuma carta de chamada... Mas, como eu queria dizer, já não sinto tentações iguais às dêsse tempo, no entanto, o meu amigo filósofo ainda hoje tem esperanças de vir a ser alguém no cinema.

— Sabes? — começou êle — estou a estudar um processo de dar nas vistas, que há-de dar um resultado, e dentro em pouco estarei no primeiro plano dos astros da Tobis Portuguesa.

Vou deixar crescer um bigode à Willian Powell, compro uns óculos à Harold, e um chapéu de palha à Chevalier. Hein?

— Ficavas um tipo ridículo...

É o meu amigo, depois de fazer uns olhos *copy* Karl Dane, continuou:

— Não senhor! Não ficava nenhum tipo ridículo. Simplesmente um actor em bruto (*acreditei*), porque reünia em mim vários tipos. Se me quisessem para papéis à Chevalier, era só tirar os óculos e o bigode. Para papéis de galá, era só tirar o chapéu e os óculos. É para encarnar a figura do Harold, era só tirar o bigode e o chapéu. (Vocês, leitores, podem entreter-se a ver se me enganei, e digam-me depois).

— E...

— Espera aí — interrompi — Estás desempregado?

— Estou.

— Então vai ter com aquele tipo que ali vai — e apontei-lhe um homemzito que passava — é um professor de reparação de autoclismos. Aprende com êle, e depois podes ganhar muito dinheiro a reparar, os autoclismos dos cinemas.

Dias depois, quando eu jogava a laranjinha numa tasca do Bairro Alto, apareceu-me de surpresa o meu amigo filósofo (chamemos-lhe assim, para não desgostar a família — que é bastante sensível a estas coisas) que, depois do apêrto de mão do ritual, se dispôs:

— Já fui ver as «Luzes da Cidade». Aquilo, na minha opinião, é estupendo, é tudo quanto há de mais humano.

E depois de uma troca de olhares, mais ou menos incomprensíveis, prosseguiu:

— Só aquela cêna do Charlot disputando a sôco com um vadio a beata que um transeunte havia deitado fóra, emborca humanismo para todos os lados.

— E a respeito do teu cinema?

— Já acabei com isso...

— O quê? Já perdeste a mania de fazer cinema? Bravo!

— É verdade, sim. E olha lá, ó pá, tu lembra-te da figura ridícula que eu fazia? E os disparates que eu tinha em mente realizar? Até me dá vontade de corar, palavra d'honra! Mas olha que ainda cheguei a entrar num filme, que não se acabou por minha causa. Arranjaram-me uma companheira muito simpática, mesmo simpática, com quem eu gostava muito de trabalhar, mas quando já estavam umas dezenas de metros impressionados meteram-nos a desempenhar uma cêna de beijos.

— E ela não sabia beijar?

— Sabia... sabia até muito bem, beijava com calor, mas a bôca... ó... a bôca...

— Mal feita?

— Qual mal feita! O cheiro, o cheiro que ela exalava até me deu a impressão que um de nós estava de cabeça para baixo...

Depois disso, pondo de parte a mania de ser intérprete, tentei realizar um filme. Procurei entre os meus amigos os... como se diz... os...

— Elementos...

— Sim. Elementos. Procurei elementos coadjuutores, e preparámo-nos para as primeiras maniveladas — que deviam ser dadas numa herdade do Alentejo. Sucedeu, porém, que à última hora, depois de uma reunião onde tratámos de ultimar vários assuntos pendentes que se relacionavam com a feitura do filme, os meus coadjuutores desapareceram.

Esperei, esperei, fui esperando, até que desisti.

E em tom de última parte:

— Porque naquela altura, compreendes, faltando-me os *alimentos* eu não podia trabalhar.

DOUGLAS FAZ... BANKOS.

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo Atelier Fotográfico
NEVES GUIMARÃES
346, Rua de Santa Catarina, 350 — Telef. 2860



Um fonofilme
de grande sucesso

A Culpa é do Bibi

No seu escritório, Paul Baumann, director duma agência de automóveis, dita o seu correio.

O patrão da América, Mister Brown, deve chegar a Viena no dia seguinte. Paul Baumann quer preparar-lhe uma recepção condigna. Porisso ensina a todos os seus empregados como o deverão saudar; *How do you do, Mister Brown?*...

Os empregados acham graça — e decoram a frase.

Mas Mister Brown resolve chegar um dia mais cedo, a fim de aproveitar o mais possível os prazeres nocturnos de Viena. Quando entra na agência assiste à saída despreocupada dos empregados, que entoam em côro irónicamente, *How do you do, Mister Brown?*... *How do you do?*...

Baumann, chamado a casa por um telefonema aflito, não está. Brown é recebido pela secretária, Anny Weber, que tem a sorte de lhe agradar à primeira vista. Mas Brown, para quem a inadvertida loirinha teve palavras descortezes, prefere guardar o incógnito.

Anny vai ter com o seu director. Em casa, Baumann não esconde a sua indignação. Foi então só por isso que Clary o chamou?...

A discussão prometia eternizar-se, se a campainha do telefone não retinisse. E' Brown, que anuncia a sua chegada a Viena. Baumann só o esperava no dia seguinte. Mas terá muito prazer em convidá-lo, para jantar, nesse mesmo dia, diz êle, prazer de que a mulher certamente compartilhará...

Brown, aceita, encantado. Baumann previne a mulher. Mas ela não se conforma. O quê? Convidar uma pessoa de cerimónia com duas horas de antecedência? — demais a mais estando o Bibi doente!

Tudo se arranja.

Enquanto veste a casaca, Baumann vai ditando à secretária o relatório que tenciona mostrar a Brown. Depois, vai inspecionar a mesa. O quê? Quatro talheres? A mulher intervém: — Que tem isso de extraordinário? Bibi comerá à mesa, como de costume.

Baumann não consente. Cêna conjugal... E Clary Baumann acaba por declarar que o marido é um assassino, um miserável, um ingrato — e que ela vai com o Bibi para casa da mamã.

Brown está a chegar. Baumann não sabe como explicar-lhe a ausência da mulher. Brown chega. Baumann, sem coragem para lhe explicar o que se passou, diz-lhe que a mulher não tarda, que se está a vestir...

Mas Brown está com fome. E eis que aparece Anny em *robe-de-chambre*, por ter encharcado desastrosamente o seu vestido, abrindo a torneira do chuveiro em vez da torneira do lavatório.

— Então a senhora é que é madame Baumann? Porque não mo disse?

Baumann aproveita o equívoco.

— Porque não disseste ao sr. Brown que eras minha mulher?

Anny, inteligente, compreende a situação. E é ela que, com um vestido de Clary, faz as honras da casa.

Mas Clary, passado o primeiro furor, resolve voltar.

Não se descreve a sua indignação ao encontrar-se substituída por uma dactilógrafa. A sua vingança vai ser terrível...

E Clary apresenta-se a Mister Brown como sendo Anny Weber, a secretária de Baumann.

Clary é muito bonita. Brown rapidamente se interessa pela linda *secretária* do director da sua agência em Viena.

Corteja-a sem cerimónia.

E Clary, vingativa, feminina, «coquette», multiplica os seus encantos e as suas atenções.

Avalie-se a cara de Baumann — e a da verdadeira Anny, que vê fugir-lhe as suas probabilidades de agradar a Brown...

A situação mantém-se num cabaré, onde os quatro protagonistas de tão intrincada história vão passar a noite.

Mas Anny começa a estar farta daquela comédia. Quere ir-se embora. Baumann, para a reter, é obrigado a aumentar-lhe o ordenado e a aceitar tôdas as suas exigências.

Estranhando a ausência do marido e de Anny, que foram discutir o caso para o vestibulo, Clary convida Brown a sair do cabaré. Os dois casais desencontram-se.

Paul, regressando à sua mesa, não sabe como explicar a desapareição de Brown e da mulher. Para se consolar, Baumann emborca copos sobre copos. Absolutamente embriagado, telefona para tôda a parte procurando o casal desaparecido — que se diverte à grande num café dum bairro popular.

(Conclue na última pág.)



CINEMA PORTUGUÊS

Foi finalmente assinada a escritura da «Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tabis Klang Film» a empresa nacional a que circunstanciadamente nos temos referido.

Eis algumas passagens de uma interessante entrevista que o Sr. Dr. António da Fonseca, Presidente do Conselho de Administração da novel sociedade, concedeu a um redactor do «Diário de Noticias» :

O carácter português da nova organização e o éxito que lhe está assegurado

Principiou o nosso entrevistado :

— A Companhia é inteiramente portuguesa. A designação do Grupo Tobis Klangfilm no nome social não resulta da participação deste grupo no capital da Companhia, porque essa participação é relativamente pequena. Resulta essencialmente de um sistema de cooperação e colaborações comerciais e industriais cuja realização é, sem dúvida, uma das fortes garantias do éxito da nossa empresa.

— ... Exito sôbre o qual não tem dúvidas. ...

— Os organizadores da Companhia fizeram tudo o que era possível para garantir o seu éxito. Começaram por obter o capital necessário para a instalação e para os primeiros trabalhos. Colocaram ao meu lado, para a gerência e fiscalização da Sociedade, pessoas que pelos seus nomes, pelos seus conhecimentos, pela sua prática de administração, devem ser para ela e para o público uma indiscutível garantia de seriedade.

Asseguraram-se da colaboração artística, tecnica e profissional dos homens que, sem favor para eles e sem desprimor para ninguém, se podem considerar como os mais competentes e com maior experiência entre nós.

É este conjunto de pessoas com um determinado e já importante capital, com uma organização prudentemente estudada, com projectos técnicos e planos comerciais, quer para Portugal, quer para o Brasil e eventualmente para outros países estrangeiros e, ainda, em relações com a mais forte organização europeia de cinematografia, que vai apresentar ao público e ao Estado uma solução do problema do cinematógrafo sonoro português.

Propomos ao público de todas as classes que aproveite o ponto de partida que nós representamos e que junte o seu esforço ao nosso para a realização duma obra colectiva pelo único processo por que ela é realizável com as características de verdadeiramente nacional.

Levam-me à convicção do successo dêste apêlo as palavras de incitamento e ofertas de cooperação que recebemos diariamente de toda a parte, a-pesar do desconhecimento em que o grande público esteve até agora nos nossos trabalhos e projectos: a certeza de que o País tem o desejo e sente a necessidade do cinema português, isto é, em que se fale a nossa língua, se vejam as nossas paisagens, se cantem as nossas canções e ouçam os nossos artistas, um cinema onde se reflitam, através da arte portuguesa, a psicologia e os costumes nacionais, um cinema, enfim, em que viva a nossa vida; depois, a confiança que tenho no nosso brio patriótico que não admite senão em caso de comprovada impossibilidade e sempre com máguia, que Portugal se declare impotente para acompanhar os países cultos na marcha ascensional do seu progresso; e por último, naturalmente, a fundada esperança do apoio da Imprensa.

O concurso que vai pedir-se ao público é, de resto, pequeno. O capital da Companhia precisa de ser suficiente para assegurar os fins que se têm em vista mas não deve ser excessivo para poder ser remunerado convenientemente.

O capital de dois mil contos será o suficiente para pôr de pé o belo edificio

O Sr. Dr. António da Fonseca, que com a sua habitual calma nos está falando destes assuntos, responde-nos agora à pergunta sôbre se o capital de dois mil contos chegará para pôr de pé o magnífico edificio que é a criação do cinema sonoro em Portugal:

— O estudo que fizemos dêste assunto leva-nos a concluir que não. Em primeiro lugar, a nossa companhia não se propõe o exclusivo da produção portuguesa. Uma das formas da nossa exploração industrial consistirá no aluguer do «estúdio» a quaisquer entidades que se proponham a realização de filmes sonoros. Por outro lado, é preciso não perder de vista as condições especiais em que pode e deve realizar-se a produção cinematográfica entre nós. Os nossos projectos comportam uma instalação suficientemente boa para acautelar a perfeição tecnica dos filmes, mas também suficientemente modesta para ser compatível tanto com o restrito capital da Companhia, como com as exigências normais das realizações portuguesas. O pagamento da aparelhagem, em prestações escalonadas durante três anos, e a possibilidade de

obtenção das receitas da produção com uma relativa rapidez, reduzem a necessidade dum capital de «roulement» a limites relativamente restritos. Além de tudo, a Companhia tem preparadas diversas explorações comerciais e industriais de importante rendimento, e eu espero que uma economia severa e uma administração ponderada e previdente, possam assegurar à Companhia um futuro próspero.

«Como simples indústria já teria direito à protecção dos poderes públicos. Mas não é simplesmente uma indústria. É antes uma arte que se produz e propaga por meios industriais; mas tem uma tão grande influência nos múltiplos aspectos da vida social de um povo, é um tão importante instrumento de cultura, informação e publicidade interna e de propaganda internacional, constitui um tão vasto campo de acção para o pensamento e para o trabalho, e está já hoje, tão dentro dos costumes e dos hábitos de tanta gente, que esta arte-indústria reveste características e assume proporções de um serviço de interesse geral.

«A cinematografia falada criou a necessidade do cinema nacional em todos os países. Portugal tem, mais que qualquer outro, essa necessidade, porque é o berço duma língua que fala muitos milhões de seres humanos em todos os continentes do mundo, porque possui vastos domínios coloniais, que é preciso ligar à metrópole por laços cada vez mais fortes e cada vez mais íntimos, porque tem no Brasil uma numerosa e valiosa colónia de portugueses, que é preciso manter em estreita comunhão espiritual com a sua pátria. O cinema nacional seria, sem contestação possível, um dos meios mais eficazes, mais rápidos e mais fáceis para a propaganda da língua e para a realização da unidade moral da Nação nos seus múltiplos e mais genéricos aspectos.

«O novo estúdio será instalado na Quinta das Conchas, ao Lumiar, fazendo-se a adaptação dos edificios existentes segundo um plano que foi cuidadosamente estudado. Os projectos de adaptação e instalação, sobretudo no que se referem ao isolamento sonoro e à iluminação electrica, serão revistos pelos serviços técnicos da Klangfilm. O equipamento que esta nos fornece, especialmente construído para nós, é constituído por aparelhos de tomada de som próprios para estúdio que dispõem de quatro microfones reguláveis separadamente. Estes aparelhos, bem como os necessários à produção da energia electrica, serão instalados em dois camiões, por forma a permitir o seu emprêgo fóra do estúdio. O nosso engenheiro de som assistirá à montagem dos aparelhos e às experiências do seu funcionamento. Não obstante, porém, esta assistência, que é já uma importante aprendizagem, os aparelhos sonoros virão acompanhados de um engenheiro e de um mecânico que se conservarão em Portugal o tempo que fôr necessário para que o pessoal correspondente português possa adquirir os conhecimentos e a prática indispensáveis.

A tomada de vistas será feita pelo emprêgo de máquina «Debrie» do último modelo, de resto ainda em construção. A Companhia tem já assegurada, para a realização das operações fotográficas, desde a tomada de vistas até os tratamentos laboratoriais dos filmes, a cooperação de pessoas que já deram provas das suas aptidões. A-pesar disso, tomaram-se todas as disposições para que estes serviços sejam feitos com a aparelhagem indispensável e mais moderna, e para que as pessoas que os têm a seu cargo adquiram no estrangeiro a prática que em certos pormenores não podiam ter adquirido entre nós.

A Companhia não desconhece que, no ponto de vista tecnico da cinematografia sonora, não há em Portugal, por enquanto, senão inexperientes. Por isso se dispõe a tudo o que fôr necessário para evitar perigosas aventuras que custam tempo e dinheiro. Deste modo, e por não ser contestável que se encontram em Portugal todas as formas necessárias de cooperação artística, eu não tenho receio de afirmar que as produções da Companhia serão, logo de início, tecnica e artisticamente boas.

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros prémios em todas as exposições a que tem concorrido

NEVES GUIMARÃES

346, Rua de Santa Catarina, 350 — PORTO

A semana passada, como bom cinéfilo (há cinéfilo e «cinéfilo») que me preso de ser, fui também ver *Atlantic* um dos filmes mais dis-

cutidos no cinema europeu. Mas confesso-vos de que estava convencido de que veria um filme de E. A. Dupont de quem jamais esquecerei *Variédades*.

Infelizmente, aos olhos surgiu-nos uma versão francesa que, chego a crer, é naturalmente uma paródia à obra original. As cenas mais dramáticas, onde o elemento humano deveria ter a máxima preponderância, não convencem o mais optimista. E o público riu-se daqueles quadros que poderiam ter-lhe arrancado lágrimas, porque o senhor Jean Kemm, o encenador francês, demonstrou não ter habilidade alguma para dominar actores... nem manejar imagens... As melhores passagens da película são aquelas em que o homem não tem outro relêvo que o de «paisagem», são aquelas em que nos mostram vários aspectos do barco—como o movimento das máquinas, a quilha do navio cortando o mar agitado e outras manobras—e que devem ser de Dupont, com certeza aproveitadas da película dêste director. De resto... a crítica já aqui foi feita na secção respectiva.

Quando começo por ver um filme a mais das vezes não fixo o nome dos intérpretes—salvo os dos bastante conhecidos—a não ser no fim da projecção depois de ter avaliado a importância de cada um. E' que na maior parte dos casos há artistas que não merecem sequer que se lhes retenha a inicial do nome.

Assim eu, ao ver *Atlantic*, senti presa a minha atenção pela figura duma mulher, dando beijos de metro em metro da película e que me lembrava alguém já conhecido.

Hélène Darly? Sustentei uma dúvida até ao intervalo, para acorrer pressuroso ao cartaz. E lá estava o nome dela. Fiquei satisfeito. Tão contente como quando encontramos uma pessoa querida que há muito não víamos. Ocorreu-me então o seu grande filme de há cerca de uns dez anos, onde ela, ao lado de Ivan Mosjoukine, nos mimosiou com um trabalho de respeito, impondo-a como uma perfeita actriz—*A Casa do Mistério*. Hélène Darly ficou querida dos cinéfilos dêsse tempo que a viram depois em *A Noite de S. Silvestre* e em *O Trapeiro de Paris*. O tempo correu e ela rareou.

Esqueceu mesmo. A'parte um pequeno número de velhos e indefectíveis cinéfilos, a maioria olhou para aquela mulher quasi indiferentemente, julgando-a talvez uma comparsa sem importância ou uma principiante sem relêvo. E no entanto, naquele

Relembrando . . .

Hélène Darly

papel triste e apagado, achava-se uma mulher que já foi muitíssimo admirada e que bastantes cartas recebeu de alguns admiradores portugueses.

Recorro ao *Pôrto Cinematográfico* de 1924, onde se lê esta sua carta dirigida ao velho cinéfilo e amigo Armando Pereira: «Sinto-me feliz por poder agradecer, por intermédio do *Pôrto Cinematográfico*, aos meus admiradores portugueses, as amáveis cartas que me têm dirigido depois que *A Casa de Mistério* passou em Portugal».

Outra artista da mesma época de Hélène Darly, vive hoje num canto afastado de Paris, miseravelmente. E' Nathalie Lissenko de *O Brazeiro Ardente* e *O Cartaz*.

Ontem, vedêtas adoladas; hoje, figuras apagadas, perdidas no montão confuso dos figurantes, quasi, ou morrendo esquecidas do mundo, até na penúria.

Os altos e baixos da carreira de muitos artistas!...

Quantos dos que escreveram, outrora a Hélène Darly, olharam hoje para ela, sem reconhecerem a artista que tanto admiraram. . .

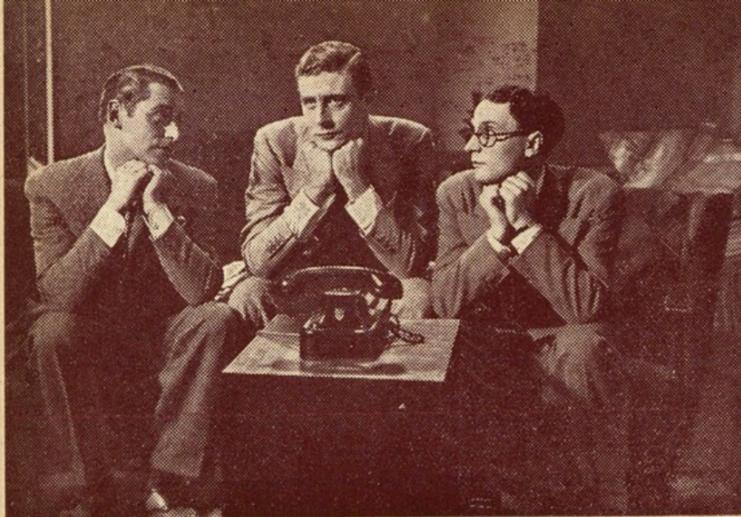
J . A L V E S D A C U N H A



O Caminho do Paraíso

famosa super-produção da «Ufa» com a encantadora Lilian Harvey, exhibe-se na próxima terça-feira, dia 14, à tarde, no elegante cinema Aguia d'Ouro, em sessão especial promovida pela «Invicta-Cine» a favor da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal.

UM FILME DA AGENCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA, L^{da}



Como temos noticiado, realiza-se na próxima terça-feira, no cinema Aguia d'Ouro, a casa de espectáculos do Porto que maior comodidade oferece ao público e que melhores programas de filmes apresenta, a grandiosa «matinée» promovida pela nossa revista, revertendo o produto dêsse espectáculo a favor da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal, essa simpática colectividade que incansavelmente trabalha para que seja debelada a tuberculose entre nós. Do programa de filmes a apresentar, faz parte a super-produção «O Caminho do Paraíso», um dos filmes que maior sucesso obteve há tempos.

Este fonofilm quasi não precisa de reclamo pois os quatro nomes famosos que o acompanham garantem em absoluto o êxito do mesmo. São eles:

Agência Cinematográfica H. da Costa, Limitada, a casa distribuidora, de Portugal, que melhores produções tem apresentado; Eric Pommer, o maior produtor dos últimos tempos; «Ufa», a conhecida editora de filmes de sucesso e, finalmente, Lilian Harvey, a nossa madrinha querida... o amor de todos nós.

Eis, em resumo, o argumento de «O Caminho do Paraíso»:

Willy, Jean e Guy, três jovens, três amigos, quasi três irmãos, partem num longo passeio de automóvel. E' a primavera... têm vinte anos... os seus corações e o motor do carro vibram em unísono. Mas uma terrível surpresa os espera à chegada. O seu banqueiro, o banqueiro comum estava arruinado e os seus bens haviam sido selados pelos tribunais. Que fazer? Trabalhar! Mas como, e em quê? Nada mais lhes restando além do seu automóvel, decidiram vendê-lo e comprar, com o produto desta venda, um depósito para fornecimento de gasolina.

A resolução tão rapidamente tomada é imediatamente posta em prática. O depósito é adquirido e os três amigos, cada um por sua vez, atendem a freguesia. A mais fiel cliente é a jovem e formosa desportista Liliane Bourcart, que assim entabola relações com Willy, Jean e Guy, achando-os todos muito gentis.



Por seu lado os três, sem que ousem confessá-lo mutuamente, apaixonam-se pela encantadora cliente. Cada um dêles guarda para si o seu segredo e julga-se o eleito. Mas Liliane apercebe-se pouca a pouco de que no seu coração desabrocha um grande amor por Willy, e sente a necessidade de o fazer compreender aos outros dois. Hesita, porém, na forma de o fazer e, não sabendo que decisão tomar, resolve dirigir-se a uma mulher experimentada em deslindar complicações sentimentais.

M. Boucart, o pai de Liliane, está viúvo há muito tempo e sente um vivo interesse por Edith de Tourkoff, uma encantadora estrangeira que o ama e que aspira a ser sua esposa. E' precisamente a pretendente de seu pai que Liliane resolve fazer as suas confidências.

— Que sucede? — perguntou Edith. — Noto-lhe uma inquietação desusada.

— Estou realmente aborrecida, — respondeu a jovem.

— E porquê?

— Porque sou amada por três rapazes.

Edith soltou uma gargalhada.

— Não é coisa para grande inquietação, minha amiga, — observou. — Permita-me que lhe apresente os meus cumprimentos.



— Não se ria, — exclamou Liliane. — Sinto-me bastante embaraçada; não sei o que hei-de fazer porque amo apenas um dêles.

— Não me parece muito difícil aclarar a situação.

— Como assim?

— Falando francamente com os seus três amigos. E' com a verdade que se resolvem tôdas as complicações.

Liliane aproveita o conselho, mas a sua confissão não surte o desejado efeito. Enquanto Jean e Guy se resignam tristemente, Willy zanga-se com Liliane, com os camaradas e com o seu «metier». E mais uma vez Lilian recorre a Edith, à hábil Edith, para que tudo arrange. A situação é complicada e embaraçosa, mas a estrangeira tem um tacto maravilhoso e consegue, com infinita sagacidade, encaminhar as coisas para um feliz desfecho: Willy, Jean e Guy, reconciliados e contratados como directores de uma importante *garage*, veem chegar uma encantadora dactilógrafa que muito se parece com Liliane. Porém Willy, não querendo estar em contacto com Liliane, dita uma carta em que pede a sua

demissão à sociedade e assina-a nervosamente sem a ler. Mas neste momento entra o pai de Liliane, seguido de um notário e Willy apercebe-se com assombro de que assinara um contrato de casamento em vez duma carta pedindo a sua demissão! Furioso, decide aceitar os factos tais como se lhe apresentam, mas jura a si próprio requerer o divórcio logo que se tenha realizado a cerimónia.

Ante a sua atitude, Liliane encoleriza-se, expandindo os seus nervos em injúrias contra o «mecânico» do seu coração. O pai intervem, indignado com a linguagem de sua filha, e mostra-se disposto a corrigi-la severamente.

E' neste momento decisivo que Willy esquece o seu orgulho para dar ouvidos à voz do coração. Adianta-se a Bourcart, toma nos braços a deliciosa creatura, dando-lhe assim a felicidade a que tinha direito.

Willy desposará Liliane, e Jean e Guy, absolutamente satisfeitos com a sua sorte, assistirão ao casamento.

Henry Garat, René Lefebvre e Jacques Maury, os três belísimos e inesquecíveis «copains» e a Lilianzinha, deliciosa, coleante e animada, proporcionarão, àqueles que assistirem à *matinée* da «Invicta», uma tarde magnífica, risonha e agradável. E, à saída, vocês, ao lembrarem-se que contribuíram com uns poucos mas utilísimos escudos para uma causa nobre, imitarão com mais vontade, com mais íntima alegria o fá-lá-dó-lá do «klaxon» do auto de Lilian...

Principais intérpretes:

Liliane Bourcart	Lilian Harvey
Willy	Henry Garat
Jean	René Lefebvre
Guy	Jacques Maury
Bourcart, pai de Liliane	Gaston Jacquet
Edith de Tourkoff	Olga Tschekowa
O advogado	Hubert Dax
O oficial de diligências	Jean Boyer



Respondendo

à Carta Aberta de Emílio Loubet

Meu caríssimo Loubet:

Protesto, protesto inèrgicamente contra a sua carta aberta dirigida aos eleitores de Lilian Harvey, aconselhando-os, incitando-os facciosamente a repudiarem a Madrinha, que há bem pouco tempo ainda por todos nós foi escolhida.

E protesto, porque o que Você fez, meu caro Loubet, foi um acto feio, mesmo muito feio.

Eu não lamento menos do que Você o «roubo» que nos fizeram, porque eu conheço de sóbra os processos americanos para lhes temer a poderosa influência que exercem sôbre os artistas europeus e as resultantes consequências que daí advêm. Mas se eu lamento a «fuga» da Madrinha para o lado de lá do Atlântico, onde certamente lhe roubarão personalidade, mimo e encanto, que direitos tenho eu, que direitos temos nós para a acusar?

Não é Lilian uma mulher livre e senhora de suas vontades? Não é natural, não é humano ceder à tentação dos dolares que, de além, a Fox lhe coloca aos pés?...

Vão estragar a nossa Lilian? Vão fazer dela uma outra Lilian que não nos será tão familiar? Sim, concordo. Mas quem devemos acusar não serão antes êsses senhores da Norte América que da «nossa» Lilian farão... uma Lilian dêles? Não serão antes êstes senhores do Velho continente que a tiveram muito sua mas que não sabem agora impedir que ela fuja?...

Diz Você que a Lilian é «ingrata». Talvez. Ela abandona uma Alemanha que a adora; abandona a Ufa onde foi mais madrinha do que nossa madrinha é; abandona esta velha Europa onde fez a sua carreira, onde só ouviu aplausos, onde só recebeu provas de ternura e de carinho. Mas creia, ela deve levar saúdaes... e deve voltar—quem sabe?—Talvez arrependida do que fez... tal-

vez coberta de loiros maiores do que os que levou de cá...

Choremos, se quiser, a sua partida, mas não cometamos uma traição. Quando elegemos Lilian Harvey para nossa Madrinha, íntimamente juramos-lhe fidelidade para sempre, prometemos-lhe carinhos e amizade. E o que Você agora fez, Loubet, foi uma infidelidade imperdoável.

A sua carta aberta foi uma traição!

Ralhe com ELA, lamente a sua «ingratidão», chore a sua partida para Hollywood, diga mal dos americanos, chame nomes feios ao poder de tentação do dinheiro, mas não cometa uma traição querendo outra madrinha, não cometa uma infidelidade procurando destruir a auréola de simpatia que sempre cercou Lilian Harvey, e que nós—como seus afilhados honorários—não devemos fazer desaparecer, mas sim temos o dever de procurar manter sempre—e agora mais do que antes; porque essa auréola de simpatia, que a Madrinha tão justamente conquistou, corre perigo, pode esbater-se dum dia para o outro à chegada dos seus primeiros filmes feitos na América, que trarão forçosamente uma Lilian nova, mudada, diferente da que estávamos habituados a ver.

Oponho-me tenazmente a novas eleições; não quero a Kate, não quero a Boni, não quero novas madrinhas. Quero a Lilian, e ao lado dela me colocarei sempre a defendê-la... porque uma infidelidade, porque uma traição, meu caro Loubet, é um acto feio, mesmo muito feio.

Se Você estivesse no Pôrto, ia ter consigo e quebrava-lhe o «caquinho». Como está longe... vá lá, mando-lhe um grande abraço!

O amigo certo

A M O K



Um super filme de aventuras misteriosas da

AGENCIA CINEMATOGRAFKA
H. DA COSTA, L^{DA}

Contra o excesso de trabalho

Dia para dia novos artistas de teatro surgem no cinema falado, o que não deixa de ser louvável pelo proveito que um e outro podem tirar desta fusão. De facto, no domínio cinematográfico, o actor de teatro patenteia a sua experiência do palco: efeitos de gestos ou de vozes que têm uma repercussão imediata sobre o espectador. Sempre em contacto com o público, cujas reacções elle não desconhece, o actor do teatro possui já um estudo mais ou menos prático, das atitudes e da dicção convenientes às plateias, capazes de traduzirem um efeito desejável até à aprovação do aplauso. O palco é pois para o artista a melhor escola e o público o grande professor. Aperfeiçoado no teatro, elle virá para o cinema, naturalmente, com essa experiência das plateias que lhe seria duma utilidade inteiramente vantajosa se o «cenário» e o diálogo não lhe puzessem essas belas qualidades teatrais em evidência apenas muito restrictamente.

Acima de tudo o cinema deve ser «cinema» e não é nada louvável abusar dessas situações teatrais que lhe trocam o sentido. Mas ao contrário, no cinema o actor pode-se estudar muito melhor; o seu próprio juízo deve indicar-lhe a sua linha de conduta. Gesto por gesto, a sua imagem permitir-lhe a corrigir-se duma ou doutra forma, e nela elle terá muito a estudar.

Além disso elle tem a guiá-lo pessoas competentes e especializadas, tais como os directores artisticos, os realizadores, assistentes, operadores, cujos conselhos são sempre para aceitar e considerar.

Alegremo-nos pois desta aproximação do teatro e do cinema. Não é de hoje a utilidade desta aproximação e nem eu vou ter a pretensão de ter sido o primeiro a constatar o facto; pretendo simplesmente insistir sobre uma grave questão que deveria preocupar mais o espirito dos nossos dirigentes: — é o caso do excessivo trabalho dos nossos artistas.

Eu creio já ter feito saber aos leitores da *Invicta-Cine* o duro trabalho a que são obrigadas as suas artistas favoritas neste país. A graciosa Jacqueline Francelle que actualmente é alvo dum grande successo no teatro *Bouffes Parisiens* foi já questão dalgumas palavras minhas. Ultimamente, tendo o feliz acaso de me encontrar com Meg Lemonnier, tive de ouvir os queixumes desta notável artista da Paramount que após um dia de trabalho no estúdio,

seguia ao teatro, extenuada, para a sua «soirée» habitual no palco. Continuar o trabalho naquele estado!

— Calculai que tôdas as manhãs — disse-me ella — me levanto às 6 horas, para ir a Saint Maurice, onde todo o dia trabalho ante a *camera* e muitas vezes sem tempo sequer para jantar. E às 9 horas tenho de estar no teatro sem satisfazer as necessidades do meu estômago. Claro que não me posso deitar antes da 1 da madrugada. E no dia seguinte, recomeço a mesma vida e isto quasi há um ano, sem discutir.

— Mas, naturalmente, você tem férias, depois — interrompi eu.

— Eu! Perdão, não tenho férias algumas, caro senhor.

Tôdas estas reflexões que venho de fazer, sugeridas pela deliciosa *parlenaire* de Henry Garat me foram já repetidas inúmeras vezes. Todos os nossos bons actores, tôdas as nossas boas actrizes, estão neste caso. Saber-se á, nos meios dirigentes, quanto é estúpido e prejudicial o trabalho no estúdio é que qualidades físicas elle requiere? Certamente que sim. Mas, porque se não cura do assunto, pensando-se no futuro do teatro e do cinema? Este depende dos artistas, que nós vemos cansarem-se e que naturalmente não podem dar à arte a sua normal seiva de talento.

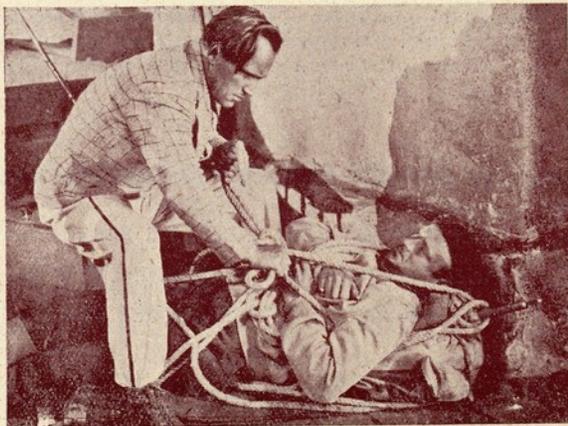
Além disso todos se acham por isso desgostosos. Eis um perigo que ameaça as artes do cinema e do teatro em França. Parece-nos tempo de reagir. Como? Diminuindo as horas de trabalho no estúdio, procurando-se uma diferente e talvez melhor organização de serviços artisticos, que permitissem atingir o mesmo estôrço em menos tempo. Mas suponhamos que a produção teria de ser reduzida. Que importa?

Certamente que todos preferem a qualidade á quantidade.

Que esta situação seja resolvida, são os nossos melhores votos. De qualquer maneira, mas mais suave aos artistas, redondando em beneficio da arte.

17, Maio, 1932.

G E O P O I R I E R



Duas imagens do super-fonofilme «Os Cavaleiros da Montanha» que no próximo dia 20 se estreia no Olympia



Um grupo de lindas raparigas que trabalham nos estúdios da «Metro»

Hollywood apreciada por Olympio Guilherme

Olympio Guilherme que durante cinco anos trabalhou em Hollywood e que os leitores conhecem de *O Rei do Jazz* onde o viram apresentar-nos em português, com Lia Torá, os excelentes números da colossal revista cinematográfica, regressou há pouco ao seu país—Brazil. O correspondente em São Paulo da *Cinearte* entrevistou-o e dessa entrevista transcrevemos um trecho interessantíssimo onde Olympio Guilherme fala de Hollywood, e dos artistas da Meca Cinematográfica:

«Hollywood é a Detroit dos filmes. Completamente mecanizada pelo cinema feito indústria, a película *made in Hollywood* deixa de ter o que é essencial a qualquer obra de arte:—o cunho individual, traço pessoal, íntimo, imprescindível na obra que se aparta da colaboração grosseira *mass-production*.

«Industrializado, o cinema de Hollywood está para o verdadeiro cinema, assim como o comércio dos crómos está para a pintura.

—Como explicar então o sucesso sem par do artista *yankee*?

—E' que, na Cinelândia, com raríssimas excepções, não há artistas, mas *tipos*. O *tipo* é um especializado e a sua actuação, a sua influência, o seu

campo de acção cinematográfica é, quasi exclusivamente físico, mecânico.

«E' por isso* que vemos na tela, representando os mesmos papéis, decalcando as mesmas caracterizações, actores que se mudassem de *tipo*, perderiam o seu público, por incapacidade artística. Processo sumário para uma arte industrializada—o produtor prefere o *tipo* do artista, o *tipo* automático que vive, naturalmente, diante da *câmera* sem esforço e sem talento a caracterização que o celebrou um dia.

«O hábito desta ou daquela caracterização influi na vida privada do *tipo*, que acaba por se meter na pele do personagem que representa no écran.

«Fenómeno vulgaríssimo no teatro, em Hollywood toma proporções alarmantes. Os Chaplins perdem as batalhas do amor; as Claras Bows fogem levemente, com os namorados; as Ivansons casam-se com nobres franceses, para se divorciarem depois sob a fanfarra do escândalo jornalístico...

«Descrever Hollywood na pressa duma simples palestra é impossível. Tentando explicar a vida da cidade do cinema, acabo de escrever uma novela—*Cinelândia*—em que estudo e defino a complexa engrenagem da cidade, do planeta mais em foco. Surge no meu romance então, o *extra* de Hollywood, como carácter principal, porque êle é, sem dúvida, o menos conhecido e o mais interessante aspecto da cinematografia norte-americana. O operário anónimo que levantou uma indústria, o *extra* jámais conseguiu vencer na vida. E' a figura fóra de foco, que labuta, que sabe sofrer e sabe esperar, sem um gemido, pelo dia do *seu* triunfo que nunca chega...

«Os seus sucessos resumem-se nos poucos dias de trabalho que consegue obter, dias raros, dias milagrosos, em que serviu o sorriso mais triste do mundo e quebra o jejum forçado do estômago torturado...»

Os americanos ao lêrem isto devem ficar pouco contentes e chamaar ingrato ao Olympio Guilherme. A verdade porém—mesmo que êle tenha dito tal, como desforra de qualquer insucesso seu entre os *yankees*—é que as palavras acima parecem-nos bastante acertadas, embora sejam raros os que, vindos da América, as corroborem. Até parecem dum russo...

Uma empresa produtora alemã está actualmente produzindo um filme de propaganda do nudismo. Esta película, embora custe muito ao nosso camarada Amok, provavelmente não será apresentada em Portugal.

Casa Estilo de Londres

(LONDON STYLE)

RUA 31 DE JANEIRO, 227 — PORTO

TELEFONE, 683

ALFAIATARIA PARA HOMENS E SENHORAS
ATELIERES DE MODISTA DE VESTIDOS E CHAPÉUS

MODAS E CONFECÇÕES

M. CRUZ & C.^A

Meus caros amigos: Alguns de vocês precisavam dum grande puxão de orelhas... Precisavam, sim senhores, por se virem queixar injustamente de eu não vos responder. Ultimamente, sempre que recebo diversas cartas tratando dum assunto que a todos ou a muitos interessa, em vez de repetir a mesma resposta três e quatro vezes a êste, àquele e àquele ainda, respondo-lhes

duma vez só nestas linhas de abertura, a todos dirigidas. Evidentemente que depois de aqui tratar um assunto, não o vou tratar de novo, repetindo as mesmas coisas a cada um de per si daqueles que nisso me falaram. Isto não é desinteressar-me pelas vossas cartas — bem pelo contrário! — é poupar espaço e tempo chamando melhor a atenção de todos para êste ou aquele caso de interesse geral.

Vá, meus caros queixosos, não me façam essa cara de zangados, que eu, que vos leio e vos respondo sempre com prazer, não o mereço.

Olá! Quatro postais de Lisboa a pedirem-me a direcção de Annabella!? Mas isso são resultados de *Dois num Automóvel*, ou quê? Bom, escrevam então para 19, rue Chanzy, La Verenne S. Hilaire (Seine), França. E felicidades.

Uma lisboeta — Pois é verdade, eu ia jurar que já vi algures a sua letra... ou o diabo (cruzes canhoto) por ela... Mas se você diz que não, pronto, não se fala mais nisso. Olhe que ainda não sei a direcção que pede. O homem anda «free-lancing» e por isso não sei onde pára ou virá a parar. Tenha paciência. E' por estas e por outras que se vai para o Céu.

Diz você que não pôde tragar o Ramon Navarro... Coitado do rapazinho. Então você queria tragá-lo! Não faça isso. Sim senhora, aplaudo a sua preferência pelos galãs-homens como o Clive Brook, Gary Cooper ou o Froelich. Ai você fica mal disposta quando vê um homem efeminado? Oh! diabo! Então você quando passeia aí pela Capital, à hora elegante, deve andar sempre mal disposta... Dizia-me há tempos um certo amor de rapariga minha conhecida, que vive aí, falando-me do filme *Rapaz ou Rapariga?*, que «há por lá muito menino com maneiras menos masculinas do que as de Carmen Boni...» Sim senhora, a Kate de Nagy está-se tornando muito interessante. Também eu gosto dela. O A. C. e o Loubet vão ficar todos contentes quando lhes disser que você os acha muito simpáticos. E em nome deles, muito obrigado.

Não maçou nada, creia. Escreva sempre o que deseje, que só me dará prazer com isso.

Olho Vivo — Olhe que é difícil entre tantos filmes de Lilian Harvey, dizer-lhe de qual gostei mais. Talvez de *O Caminho do Paraíso*, num sentido. Talvez de *Dois Corações a Compasso*, noutra. Talvez de *O Congresso que Dansa*, noutra sentido ainda. O mais acertado é dizer-lhe que gostei da Madrinha em todos. Obrigado pelo abraço e escreva quando quiser, que nada me incomoda.

Futuro estrêlo — Sobre a «Tobis Portuguesa» eu faço umas certas reservas em face duns acontecimentos ultimamente ocorridos. Todavia ainda não perdi a minha confiança. Longe vá o mau agouro...

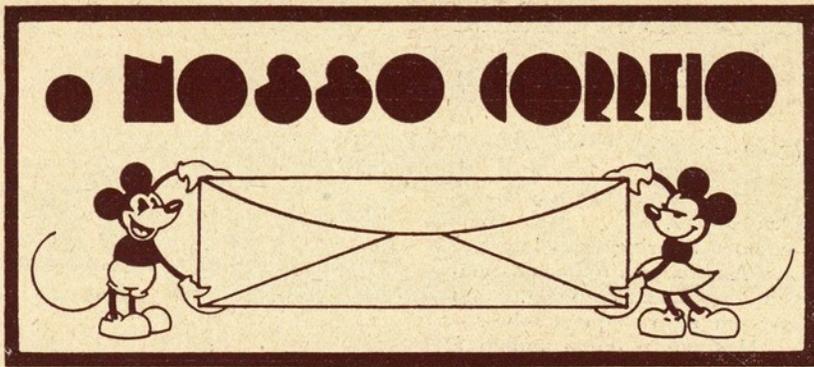
Um que quer saber — E faz muito bem... O *Escândalo de Baden-Baden* era uma produção simplesmente interessante de Erich Pommer, realizada por Erich Waschneec e desempenhada por Brigitte Helm, Henry Strart, Leo Penkert, etc.

Quando quiser saber mais alguma coisa é preguatar. Obrigado pelas felicitações.

Mário Gomes de Lacerda — Michele Verly: 33, rue Tocqueville, Paris (17); Jean Murat: 20, Avenue de Neuilly, Neuilly-Sur-Seine, França; Anny Ondra: 217, Friedrickstrasse, Berlim S. W. 68, Alemanha. Pronto, aí tem as direcções que deseja saber.

Alberto — Veja nesta secção, num dos números anteriores, o que digo de *Trader Horn*. Sobre o filme em si, veja o que disse o Alves Costa, creio que no mesmo número. Obrigadinho pelos seus bons conselhos. Far-se-à o que se poder. Você não deixa de ter razão.

Um dos que elegueu Lilian Harvey — Leia a carta aberta que o Loubet vos enderrou no número anterior. Sim senhor, não se trata dum «diz-se» mais ou menos fantasiado, Lilian Harvey vai para a América êste ano ainda. E já se sabe quais são os primeiros filmes que interpretará... Chamam-se êles: *Bitteswest* e *Cavalcade*. Não chore muito por enquanto que na próxima temporada verá pelo menos três filmes da Madrinha feitos na Ufa.



Um admirador de Pabst — Também eu sou um dos mais devotos admiradores de G. W. Pabst, e só posso aplaudir a sua admiração por êsse grande artista. *Atlantida*, que deveria ter sido exibido para a imprensa no passado dia 8, em Paris, na sala «Miracles», será projectado, segundo dizem os anúncios, como filme de abertura do «S. João-Cine», ainda esta época.

Pelas fotografias que tenho visto, não sei qual será o valor da nova obra de Pabst, mas o que eu quasi posso jurar é que será uma composição filmica de extraordinária beleza. O que eu lhe digo é que o «S. João-Cine» abre com chave de ouro... isso é que abre. Disponha sempre. Recebê-lo-ei com muito prazer sempre que se disponha a escrever-me.

Buta — O filme *Tabu* deve ser estreado no Pôrto em comêços do próximo mês. Trata-se dum filme de grande valor que ninguém deve deixar de vêr. Algumas obras de Muman: *O último dos Homens, Fausto, Tartufo, Aurora e Tabu*.

Good Boy — Se é tão bom rapaz como o inglês em que me escreveu... temos conversado... William Hains e Nils Asther estão na Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia, U. S. A. Devemos vêr na próxima temporada o filme *Shangai Express* da Paramount, assim como *Uma Hora Contigo* com o par Chevalier-MacDonald. Pregunte sempre, So long my boy!

Flor Mimosa — Felizes olhos que a vêem!... ou melhor: que a lêem. Boazinha? Então que se tem feito? Mas agora reparo, o seu postal está datado de Lisboa. Vejo que anda passeando. Espero que me conte as suas impressões sobre os filmes que vir na Capital, quando regressar a Viseu. Obrigado por se ter lembrado de mim. Saudades.

Mário Guedes — A Direcção agradece muito o novo assinante que nos arranjou.

Oh! Anny!! — Calma, amigo. Com êsse entusiasmo todo, mesmo epistolar, você pôde ir parar ao Conde Ferreira... Anny Ondra está filmando em Praga *Kantor Ideal*, tendo pela primeira vez Carl Lamac a seu lado, como intérprete.

Velho Cinéfilo — Dizem-nos os últimos informes recebidos que Courad Veidt vai filmar em Inglaterra *The Rome Express*, tendo por parceira Esther Ralston que actualmente se encontra em Londres. De acôrdo com o seu parecer a respeito de *Só a Verdade*. E' realmente um filme bastante fraco. Quando escrever ao Loubet, transmitir-lhe-ei os seus cumprimentos que eu, desde já e em nome dêle, agradeço.

Cinéfilo debutante — Sobre cinema russo há diversas obras deveras interessantes. Cito algumas das que conheço: *Film Problems of Sovietic Cinema* (de que já lhe falei), *Le Cinéma Soviétique*, Léon Moussinac, *Le Cinéma russe*, de G. Altman, (VIII volume da colecção *l'Art Cinématographique*) e *El Cinema Soviético*, de Josef Palau. Obrigado pelo abraço.

A M O K

G. W. PABST agraciado com a medalha de ouro da Academia das Belas Artes, de Londres

==

A Academia das Belas Artes, de Londres, que confere todos os anos a sua Medalha de Ouro ao melhor filme, acaba de honrar o grande encenador G. W. Pabst com ela, pela magnífica realização de **A Tragédia da Mina**.

A relatividade do cinema de Eisenstein

(Conclusão)

E' aqui que discordamos dêle.

O cinema russo, como o futurismo nas letras, é uma reacção transitória. Ambos tem os seus aspectos interessantes, e como movimento rebelde, como acção revolucionária, servem para — quem sabe? — fundir novos padrões. Mas um e outro andam à procura de um «método» de expressão sedimentada e êsse método, quando fixo, leválos-há invariavelmente às bases estabelecidas pelo consenso das massas, principalmente no que toca ao cinema, pois para a compreensão do povo e seu entretenimento é que êle é produzido.

Quem escreve — seja com a câmara ou com a pena — só o faz para ser entendido. E a sua fabulação e engenho hão-de também concorrer para êsse entendimento. As metáforas aberrantes e o abuso dos símbolos, que ultrapassam o limite de um certo nível da inteligência colectiva, dão no filme o cinema russo, e na literatura nativista os excessos do futurismo.

Ambos ficam sem ser entendidos.

Os filmes russos estão muito bem para a Rússia e, de uma certa maneira, para uma elite cheia de curiosidade, que vai ver como complemento da sua cultura; a grande massa, porém, ha-de ser sempre preferir o cinema alegre e otimista da América (ou mesmo da Europa ocidental) por cujas cênas pavoneiam essas mulheres tentadoras, que Hollywood canonisa em rôlos de celuloide e todo o mundo gosta de ver.

Não há dúvida que a renovação dos métodos é que produz o progresso, mas essa renovação tem que cingir a uma certa pauta, para poder firmar o seu padrão. A produção anárquica, seja no cinema ou nas letras, requer sempre um excesso de esforço mental para ser compreendida, e no cinema, pelo menos, é isso contraproducente, porque o povo quer a diversão ligeira, bimbalhante e pícara, para o deleite da vista, e não o matar-se de canseiras com a decifração de símbolos inextrincáveis. Se querem dar-lhe alguma dose de moral ou de política por meio do filme, terão sempre de pratear a pílula com o chumbilho da alegria, ainda que efêmera, pois do contrário o povo cospe-a fora e não a engole.

Dizer-se que a única salvação do cinema está no filme russo é querer afirmar que só nele há arte, renovação e bom gôsto, o que não é verdade. Essa afirmação, levada a um plano mais amplo, implicaria também dizer que só na Rússia se faz arte de bom

A CULPA É DO BIBI

(Conclusão)

Tudo acaba por ir parar a casa de Beaumann, onde inevitavelmente, as coisas se esclarecem.

Quem tem culpa? Quem não tem? Em bôa verdade, a culpa é do Bibi. Mas Brown reconhece que o principal culpado é êle próprio. Se não tivesse chegado um dia mais cêdo, nada daquilo teria sucedido.

E tudo acaba em bem . . .

Segundo um telegrama que a United Press enviou para os diários, Greta Garbo, desapareceu misteriosamente de Hollywood.

Diz mais o referido telegrama:

«Informações de fonte segura permitem agora explicar a fuga da popular «vamp», que assim procedeu, não só por sofrer de uma profunda nostalgia pela sua pátria, como e principalmente pelo facto de ela tencionar formar na Suécia uma empresa produtora de filmes. Poucos dias antes de desaparecer, Greta Garbo declarou aos seus amigos que tinha obtido tantos sucessos na sua carreira artística em Hollywood e em Nova York que, francamente, nada mais podia ambicionar».

Mater Dolorosa, é o titulo do fonofilme que Abel Gance vai realizar.

Malou, o famoso fonofilme de Fritz Lang foi proibido em Inglaterra.

Foram exibidos com enorme sucesso, em Tokio, os fonofilmes *Malou* e *Viva a Liberdade*.

Hoot Gibson, o conhecido artista de vários filmes de aventuras, vai divorciar-se de sua esposa.

cunho, em literatura, música, escultura, etc., o que seria reicindir no disparate.

O cinema russo, ao que isto pese ao genial Eisenstein, é uma manifestação transitória na arte do filme na própria Rússia, refletindo unicamente aspectos económico-sociais do novo regimen, e como tal de interesse bastante relativo.

Senão, que o diga Eisenstein . . .

Nova York, Maio de 1932.

A R T U R C O E L H O

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE
||||| pelas Ex.ªª Empresas dos Cinemas: |||||

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 18 de Junho de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 16 de Junho ou 18 de Junho de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 18 de Junho de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste B O N U S, não têm direito a entrada gratuita.

Clôvia d'Ouro

Apresenta na próxima segunda-
-feira a engraçadíssima comédia
falada e cantada em francês com
linda música de Paul Abraham

A CULPA É DO BIBI

Um extraordinário e gracioso
fonofilme que provoca garga-
lhadas constantes interpretada
por: Marie Glory, Florelle,
Suzanne Préville, René Lefe-
==== bvre e Jean Dax ====

Um filme distribuído pela

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a casa distribuidora do famoso filme
de Charlie Chaplin (Charlot)

LUZES DA CIDADE

apresenta brevemente no Pôrto
outra grande super-produção

ANJOS DO INFERNO

a mais completa reconstituição das lutas
aéreas. O melhor filme de Aviação